

**“VIVER É MUITO PERIGOSO”**  
**A PRÁTICA PEDAGÓGICA HOSPITALAR EM TEMPOS DE PANDEMIA:**  
**uma reflexão à luz de *Grande Sertão: Veredas***

**“LIVING IS VERY DANGEROUS”**  
**HOSPITAL PEDAGOGICAL PRACTICE IN PANDEMIC TIMES:**  
**a reflection in the light of *Grande Sertão: Veredas***

Jacqueline L. L. Dantas<sup>1</sup>

**Resumo**

O artigo apresenta um relato de experiência da prática pedagógica da autora no contexto da pandemia da COVID-19 num hospital referência em urgência e emergência de Minas Gerais, integrante do Sistema Único de Saúde. A proposta buscou inspiração no livro: *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Fragmentos dessa obra-prima, como que num quebra-cabeças, ofereceram subsídios para uma reflexão do papel do pedagogo hospitalar num cenário de incertezas.

**Palavras-chaves:** Pedagogia hospitalar. Pediatria. Pandemia da COVID-19. Política de humanização.

**Abstract**

The article presents an experience report about the pedagogical practice of the author in the context of COVID-19 pandemic in an urgency- emergency referral hospital in Minas Gerais which is member of The Health Unic System. This work found inspiration in the novel “*Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa”. Fragments of this masterpiece, like in a puzzle, offered subsidies for a reflection about the function of the hospital pedagogue in a scenario of uncertainty.

**Keywords:** Hospital pedagogy. Pediatrics. COVID-19 pandemic. Humanization politic.

---

<sup>1</sup> Pedagoga no Hospital João XXIII da rede FHEMIG. Especialista em Psicopedagogia e Pedagogia Hospitalar. Brinquedista e coordenadora do núcleo de Belo Horizonte da Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBRI). E-mail: [jacquelineldantas@gmail.com](mailto:jacquelineldantas@gmail.com)

*“Sertão é quando menos se espera”* (ROSA, 2019).

Foi exatamente assim: há 15 anos, escolhi o hospital como o meu sertão. Lugar que, depois de tantas travessias, virou escolha. Espaço de construção de uma prática pedagógica que convive diariamente com a dor, o sofrimento, as incertezas, mas onde incontestavelmente pulsa vida, porque é por ela que todos os profissionais que estão lá dentro lutam diariamente.

Não foi fácil escolher. Na graduação, escutamos que lugar de pedagogo é na escola. Desviar do caminho traçado, às vezes é igual a viver, muito perigoso. Mas ...“No centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!” (ROSA, 2019).

A Pedagogia Hospitalar se apresenta como uma prática pedagógica em construção. Embora as primeiras classes hospitalares no Brasil tenham surgido na década de 50 do século passado (FONSECA, 1999), com crescimento e expansão significativa a partir dos anos 2000, percebe-se ainda a necessidade de maiores investimentos em políticas públicas educacionais, que atendam com efetividade às necessidades educativas especiais dos alunos enfermos.

O Hospital João XXIII - local onde atuo como pedagoga - integra o complexo de Urgência e Emergência da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). Trata-se de uma das maiores referências do Sistema Único de Saúde (SUS) em traumatologia e tratamento de queimados em âmbito nacional, sendo o maior hospital desse segmento no estado mineiro.

O serviço pedagógico do Hospital João XXIII está vinculado à equipe da Unidade de Apoio ao Paciente, constituída também pelos profissionais do Serviço Social e da Psicologia. Foi inserido na equipe multidisciplinar em julho de 2018, para atender às necessidades lúdico-pedagógicas dos pacientes pediátricos.

O trabalho pedagógico desenvolvido atualmente atende, especificamente, crianças, no Ambulatório de Urgência e Emergência, na Unidade de Tratamento Intensivo e na Unidade de Tratamento de Queimados, num total médio de 36 leitos.

Conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o acompanhante permanece ao lado da criança durante toda a internação. Nesse contexto, o serviço pedagógico deve estar atento às demandas do “binômio criança-acompanhante”,

pois aí se encontra uma relação que pode favorecer ou inibir o processo de aprendizagem durante a hospitalização.

A organização do trabalho pedagógico hospitalar apresenta, por objetivo geral, atender à demanda lúdico-pedagógica dos usuários, a fim de garantir os direitos à educação, à saúde e ao brincar, além de favorecer a continuidade dos processos de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, por meio de metodologia diferenciada, que considera as especificidades e complexidades individuais no contexto hospitalar.

Nesse sentido, tanto a classe hospitalar, quanto a Brinquedoteca, ambas preconizadas nos marcos legais brasileiros, são espaços de desenvolvimento da ação pedagógica no hospital e integram as propostas da Política de Humanização na Saúde.

O direito à educação se ocupa em atender à demanda da escolarização dos pacientes durante o tratamento de saúde. O direito ao brincar oferece oportunidades lúdicas durante a internação, que favorecem a continuidade do desenvolvimento infantil. Trata-se de práticas aliadas no alívio da dor e do sofrimento da criança e de seu acompanhante.

A rotina do serviço de pedagogia no hospital inclui inúmeras atividades e projetos, dentre eles: triagem dos pacientes que estão em condições para receber o atendimento, abordagem e orientação às crianças e a seus acompanhantes sobre funcionamento do serviço e direitos dos alunos hospitalizados, contato com as escolas de origem, auxílio às atividades escolares, organização de apoio da rede hospital-escola-famílias-secretarias de educação, para atenção às necessidades educativas especiais dos alunos pacientes. Também são de competência do pedagogo, a coordenação de atividades das brinquedotecas junto a voluntários e acadêmicos: oficinas de artesanato, comemoração de datas especiais, contação de histórias, dentre outras.

As atividades e projetos pedagógicos estão inseridos na rotina diária das crianças e dos acompanhantes e oferecem um “respiro” para o enfrentamento das inúmeras dores que uma internação pode acarretar.

É comum a internação de crianças “quebradas” física e emocionalmente, num cotidiano de tratamentos rígidos e muitas vezes dolorosos. O contato com o trabalho pedagógico permite um reencontro do sujeito com seu lado saudável, com a ideia de que a vida continua e de que esse momento vai passar.

O cenário de incertezas trazidos numa experiência de hospitalização foi potencializado com a chegada da pandemia da COVID-19. A partir deste ponto, relato os sentimentos vivenciados no novo contexto e os impactos na organização do trabalho da pedagogia hospitalar e na sua constituição e prática da dualidade enquanto profissional da Educação atuando na Saúde.

Por uma questão didática, essa experiência foi organizada em momentos. Elementos ainda em construção, mas que certamente já deixaram e ainda deixarão marcas profundas na minha prática como pedagoga hospitalar.

A arte, a literatura e a música são ferramentas que possibilitam pensar profundamente meus caminhos e minhas escolhas. Permitem compreender melhor os sentimentos que habitam em mim, pois levam luz à minha sombra.

Nesse sentido, a literatura e, mais precisamente, o livro “Grande Sertão: Veredas” do brilhante Guimarães Rosa, encontrava-se empoeirado na estante do velho sótão das minhas lembranças juvenis. Rondavam-me, atualmente, desejos nostálgicos de visitar algumas obras, a fim de buscar experienciar o sabor de uma interpretação, talvez mais madura, ou simplesmente me deliciar com palavras, pois elas têm o dom de curar.

Crendo hoje que nada é por acaso, veio de encontro às minhas mãos, em forma de presente, o “Sertão”, exatamente nesse momento. E assim, a narrativa foi dando voz ao que sentia e, ao tomarem forma, os sentimentos, agora reconhecidos, foram compreendidos e finalmente ressignificados.

### **Primeiro Momento: A pandemia da COVID-19 chega ao Brasil**

*“Tive medo não. Só que abaixaram meus excessos de coragem”* (ROSA, 2019).

Sim. Meus excessos de coragem foram abaixados ao nível de pânico. A pandemia vista pelos noticiários já trazia o prenúncio de algo assustador. O medo do desconhecido, o número de mortos, a agonia frente à possibilidade de um colapso no sistema de saúde, de perdas irreparáveis.

O impacto da doença no Brasil foi intensificado pelo momento político tenso, atrelado aos discursos negacionistas em relação à gravidade e em outras vezes, pouco congruentes ou resolutivos por parte das lideranças governamentais.

*“Medo, não, mas perdi a vontade de ter coragem”* (ROSA, 2019).

Era início de março. A coragem minando: senti temor por mim, meus filhos e meus pais idosos. Medo pelos pacientes já debilitados, pela nossa desorganização enquanto nação. Perceber que essa situação estava se aproximando, lançou-me profundamente no poço da paralisação, da tristeza e do desânimo.

Por se tratar de uma situação completamente nova para o mundo, os protocolos estavam em construção, todo o sistema de saúde estava em risco e a discussão passou a se dar sobre a ordem da essencialidade. Quem deve permanecer no hospital? Quem deve se afastar? O pedagogo é um profissional essencial nesse momento? Qual equipamento de proteção individual este ou aquele deve usar? E num lugar que já lida constantemente com a precariedade, como os nossos hospitais públicos, a falta de insumos básicos para proteção individual, como máscaras, também gerou grande preocupação e insegurança. Aqui, ainda não sabíamos ao certo como agir, mas tínhamos certeza: era só o começo.

## **2º Momento: A pandemia avança e adentra os muros da cidade de Belo Horizonte**

*“Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto”*. (ROSA, 2019)

Meados de março. Já não estamos imunes. A pandemia chega muito próximo. Casos de colegas contaminados surgem e a certeza de que todos nós corremos risco. O hospital corre contra o tempo para treinar servidores e reorganizar todo o seu trabalho assistencial.

Como todo cenário incerto, as mudanças precisam ser drásticas e muitas impactaram diretamente toda a estruturação do trabalho pedagógico: as brinquedotecas foram fechadas por necessidade de se evitar aglomerações. Os trabalhos acadêmicos e voluntários suspensos, por questão de segurança. A reestruturação nas esferas estaduais e municipais suspenderam as aulas escolares sem previsão de retorno. A campanha “Fique em casa” tomou conta da cidade e dentro de mim aquela dúvida gritava: seria o serviço pedagógico essencial naquele momento?

*“A colheita é comum, mas o capinar é sozinho”*. (ROSA, 2019)

Dentro do hospital, somos muitos profissionais que trabalham diariamente na prestação de uma assistência que faça a diferença na vida das pessoas. Inúmeras equipes se integram e, dentro desse universo da multidisciplinaridade, se encontram em suas singularidades para se apoiar. Embora acolhida pelas demais equipes, infelizmente o trabalho pedagógico hospitalar ainda é uma realidade solitária na maioria dos hospitais.

A solidão que, em alguns momentos, já nem doía tanto, por talvez estar naturalizada, no caos da pandemia trouxe muito sofrimento. Foi nesse lugar de tantas incertezas, um certo desespero e profunda solidão, tendo que lidar com as demandas também caóticas que transformaram a rotina doméstica, desacreditei da essencialidade do meu trabalho, senti que precisava parar.

### **Terceiro momento: Hora de aprender com a pandemia**

*“Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo no meio do fel do desespero”*.(ROSA, 2019)

Foram quinze dias afastada do trabalho, mas o trabalho reverberando em mim. Aceitei o mergulho profundo e, embora sinta às vezes que ainda não cheguei à superfície, algo começou a se modificar. O “Grande sertão: veredas”, na mesa lateral da cama, era companhia entre uma e outra reflexão.

Percebi que dentro do hospital lidamos com muitas emoções e é difícil não ser afetado por elas. Constatei que, na ansiedade de se fazer o trabalho, nem sempre olhamos com cuidado para o que está nos tocando ou como estamos tocando na vida do outro. Tive a certeza de que os momentos de instabilidade são também oportunidades para esvaziar gavetas e decidir entre o que fica e o que é preciso deixar ir. Entre a leitura de uma e outra página, lembrei-me de que “o sertão é sem lugar”, estava dentro de mim e, por isso, já tinha os elementos para recomeçar. A lição crucial: um dia de cada vez.

*“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas”* (ROSA, 2019).

Em busca de resposta para a questão da essencialidade do trabalho pedagógico hospitalar num contexto de pandemia, a angústia foi dando espaço para reflexões. Compreendi a importância da dúvida no processo de aprendizagem e passei a fazer perguntas. O que esperar do trabalho pedagógico dentro de um hospital de urgência e emergência num cenário de pandemia? Qual o papel do pedagogo nessa situação? Existe uma proposta de ação pedagógica que possa ser desenvolvida nesse contexto? Como estão as crianças hospitalizadas nesse momento? E tantas outras perguntas foram se somando a estas e ofereceram um feixe de luz ao meu emaranhado de incertezas e dúvidas. Ainda não sabia como, mas algo em mim já falava em possibilidades. O medo cedeu espaço para a esperança... Era hora de retornar.

#### **Quarto momento: O reencontro com o outro - a resposta para o enigma**

*“Um sentir é do sentente, mas o outro é o do sentidor”.* (ROSA, 2019)

Continuar sendo, seguir acreditando, aprendendo e construindo. Eram o meu sentir, mas e o sentir do outro? Da criança que ficou no hospital ou nele chegou e não encontrou o trabalho pedagógico?

A resposta veio no retorno, em abril, o reencontro com o outro me revelou que: o trabalho pedagógico no contexto da hospitalização e da pandemia, embora seja sim essencial, não se sustenta apenas sob essa ordem da essencialidade. Segundo o dicionário Aurélio (2010): Essencial caracteriza-se pelo “que é indispensável, necessário”. A sustentação do trabalho pedagógico hospitalar ultrapassa esta ordem, pois sua órbita é o campo do Vital.

O essencial pode ser remanejado dentro de uma mudança organizacional, o vital não, este é da ordem do “sagrado”, considerado aqui como aquilo que não pode ser modificado para preservação da vida e que permite que ela flua. Dentro dessa perspectiva, a brinquedoteca, apesar de essencial, precisou ser fechada, as aulas suspensas, os trabalhos voluntários paralisados.

O que faz, então, o trabalho pedagógico ser considerado vital? É através dele que parte da vida que ficou do outro lado do muro do hospital se encontra com aquele que

carece de vida lá dentro. Porque o trabalho pedagógico hospitalar alimenta a vida através da música, da arte, da literatura, do riso. E, parafraseando Arnaldo Antunes e seus companheiros, se “a gente não quer só comida”, já faz tempo que doente também não quer só remédio.

Assim, a criança pode suportar algum tempo a falta da brinquedoteca, mas é vital para sua saúde física e emocional que ela siga brincando. As aulas e os conteúdos escolares serão, de alguma forma, recuperados. Diante disso, o prejuízo de uma internação ociosa, sem estímulos para que o desejo de aprender continue vivo no sujeito, pode causar na vida da criança algo extremamente drástico.

Por fim, apesar de muito difícil, podemos até suportar não tocarmos nossos corpos com um abraço ou um aperto de mão, mas é imprescindível que continuemos a tocar almas com nossos olhares escondidos por máscaras. Precisamos, agora, aprender a acolher e sorrir com os olhos. As crianças sabem quando sorrimos para elas e, geralmente, devolvem com outro sorriso.

Foi através do reencontro dos meus olhos com os olhos das crianças hospitalizadas que enxerguei um novo sentido para o trabalho pedagógico. Compreendi a necessidade vital e consegui criar estratégias necessárias e possíveis para o momento da pandemia.

Nem a internação, nem a doença, nem a pandemia vão impedir que uma criança busque se reconectar com a sua infância, se dermos a elas oportunidades para isso. É este o momento que estamos buscando viver agora: desenvolver estratégias como kits lúdicos de uso individual para brincar com o acompanhante, passagens no leito para escutar os desejos da criança de forma individualizada, pintar, ouvir uma música especial, ouvir uma história, disponibilizando os recursos necessários.

Estar mais próximo para ouvir e orientar também os acompanhantes sobre as formas de brincar com a criança, campanha para arrecadação de máscaras para uso na alta e retorno ambulatorial, ornamentação dos espaços para as festividades que, embora sem possibilidade para comemorações coletivas, seguem acontecendo de forma particularizada: lembrança da páscoa, confecção de cartão para o dia das mães, brincadeiras juninas no leito, dentre outras.

E mesmo num contexto tão desafiador, tão improvável, o “Sertão” me ensinou que “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (ROSA, 2019).



### **Considerações para não finalizar:**

*“Tudo que já foi, é o começo do que vai vir”. (ROSA, 2019)*

Já estamos em junho e, segundo os especialistas, ainda não atingimos o ápice da curva de infecção pela COVID-19 no Brasil. Às vezes penso se todos esses momentos vividos ainda podem retornar. Na pediatria do Hospital João XXIII, recebemos alguns casos suspeitos, mas que, felizmente, não foram confirmados, até agora. Seguimos adotando um protocolo rigoroso e responsável, especialmente quanto ao uso dos equipamentos de proteção individual disponibilizados a todos os profissionais.

Existe ainda tensão e medo, mas hoje já temos uma compreensão maior dessa realidade: precisaremos conviver com o vírus até que surjam vacinas e/ou tratamentos. A experiência adquirida nessa curta e intensa travessia vai se organizando como uma base, um apoio para estabelecer uma nova rota. O que é vital para nossa sobrevivência segue sendo o necessário para a caminhada, e assim caminhamos....

Já se discute a abertura gradativa da brinquedoteca para crianças que estão internadas há pelo menos quinze dias e não apresentam sintomas da COVID-19. Serão priorizados, inicialmente, atendimentos individuais, reavaliando continuamente.

As escolas públicas também sinalizam algum retorno, começaram a oferecer atividades para as crianças realizarem em casa ou no hospital. Seguimos estimulando o diálogo entre hospital e escola, considerando o momento individual de cada criança.

O trabalho voluntário ainda não foi liberado, mas como se trata de uma atividade exercida simplesmente pelo amor à doação, o grupo se fez presente o tempo todo, oferecendo material pedagógico, brinquedos, máscaras infantis, todos higienizados e distribuídos individualmente.

Mesmo na dor da incerteza, pudemos experimentar singelos momentos de alegria, pois o “Sertão” já dizia que “Somente com a alegria é que a gente realiza bem – mesmo até as tristes ações” (ROSA, 2019).

Não é fácil para nós, profissionais que estamos na linha de frente, deixar nossas casas e ir para o hospital trabalhar num cenário como este. Acredito que todos, de alguma maneira, passaram, passarão ou ainda passam por instantes de sofrimento. E se, no início de tudo, a vontade de ter coragem faltou, hoje ela parece ser companhia inseparável, visto

que é assim que tem que ser, já que “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2019).

É preciso coragem para continuar. Compreender que “O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia”. Seguimos a trilha, um dia de cada vez... E se “viver é muito perigoso” (ROSA, 2019), ainda não conhecemos outra opção, senão seguir. Seguimos. Vivendo e sendo sertão.

## Referências

ANTUNES, Arnaldo; FROMMER, Marcelo; BRITTO, Sergio. **Comida**. Intérprete: Titãs. *In*: TITÃS. **Jesus não tem dentes no país dos banguelas**. Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2. 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial**. Brasília. Disponível em <http://www.mec.gov.br/cne/ftp/minuta/minuta1.doc>. Acesso em: 03 mar. 2001.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. CONANDA. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado de Direitos Humanos. Departamento da Criança e Adolescente. **Lei n. 8.069/1990**. Estatuto da Criança e Adolescente. Brasília.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. CONANDA. **Resolução n. 41/95**. Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizados. 1995

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações**. Brasília, 2002

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS. **Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subsecretaria para Assuntos Jurídicos **Lei nº 11.104 de 21 de março de 2005**. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.104%2C%20DE%2021,pedi%C3%A1trico%20em%20regime%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2011.104%2C%20DE%2021,pedi%C3%A1trico%20em%20regime%20de%20interna%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 15 maio 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: Dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, Eneida. **Atendimento pedagógico – educacional para crianças e jovens hospitalizados**: Realidade Nacional. Brasília: MEC/INEP, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. “O diabo na rua, no meio do redemoinho”. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.